



As urgências subjetivas de jovens universitários: uma interlocução Brasil-França¹

Aline Aguiar Mendes

ORCID: [0000-0003-2418-0918](https://orcid.org/0000-0003-2418-0918)

Psicóloga

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Belo Horizonte, Brasil)

Profa. Adjunto IV da Faculdade de Psicologia da PUC Minas (Belo Horizonte, Brasil)

Professora responsável pela Assistência Psicopedagógica dos Estudantes da PUC Minas (Belo Horizonte, Brasil)

Autora do livro *O efeito-equipe e a construção do caso clínico* e uma das organizadoras dos livros *A construção do caso clínico, o efeito-equipe e a prática de vários* e *O sofrimento psíquico de jovens no espaço universitário*

E-mail: alineaguarmendes@gmail.com

Resumo: Esse artigo tem como objetivo apresentar a experiência de uma pesquisa de pós-doutorado relativa ao trabalho clínico com as urgências subjetivas de jovens universitários, resultante da colaboração internacional entre dois serviços de atendimento à saúde mental de estudantes universitários, quais sejam, a Assistência Psicopedagógica (APP) aos alunos da PUC Minas e o *Bureau D'Aide Psychologique Universitaire* (BAPU – Rennes). Com base no intercâmbio de experiências clínicas entre os dois dispositivos constataram-se pontos de convergência do trabalho, quais sejam: é necessário a existência de um dispositivo de acolhimento à urgência subjetiva dos universitários e é preciso atentar-se para as questões referentes à juventude e seu encontro com a universidade. Para desenvolvimento da pesquisa foi realizado o trabalho com o caso clínico paradigmático. Conclui-se que o acolhimento das urgências subjetivas e a abertura de um tempo de pausa no qual a enunciação de um sujeito pode advir, é o que torna possível uma aposta na palavra para que cada jovem, a seu modo, possa fazer um cálculo que lhe seja próprio.

Palavras-chave: Psicanálise; Urgências subjetivas; Jovens; Universidade.

Les urgences subjectives des étudiants universitaires: un dialogue Brésil-France: Cet article vise à présenter l'expérience d'une recherche post-doctorale sur le travail clinique avec les urgences subjectives de jeunes étudiants, résultant de la collaboration internationale entre deux services de soins de santé mentale des étudiants, à savoir, l'Assistance Psychopédagogique (APP) aux étudiants de PUC Minas et le Bureau d'Aide Psychologique Universitaire (BAPU – Rennes). Basé sur l'échange d'expériences cliniques entre les deux dispositifs, des points de convergence des travaux ont été trouvés, à savoir: il faut l'existence d'un dispositif pour accueillir l'urgence subjective des étudiants et il faut être attentif aux enjeux liés à la jeunesse et sa rencontre avec l'université. Pour le développement de la recherche, un travail a été réalisé avec le cas clinique paradigmatic. Il a été conclu que l'accueil des urgences subjectives et l'ouverture d'un temps de pause dans lequel l'énonciation d'un sujet peut se produire, permettent de faire un pari sur la parole pour que chaque jeune, à sa manière, puisse faire son propre calcul.

Mots clés: Psychanalyse; Urgences subjectives; Les jeunes; l'Université.

The subjective urgencies of the young university students: a dialogue between Brazil and France: This article seeks to present the experience of a postdoctoral research related to clinical work with the subjective urgencies of young university students, resulting from the international collaboration between two mental health care services of university students, namely, the Psychopedagogical Assistance (APP) to students of PUC Minas and the Bureau D'Aide Psychologique Universitaire (BAPU - Rennes). Based on the exchange of clinical experiences between the two clinical devices, there were points of convergence: the necessity for a structure to welcome the subjective urgencies of university students and the need to pay attention to issues concerning youth and its meeting with the university. A paradigmatic clinical case was used to develop the research. It is understood that the welcoming of subjective urgencies and the opening of a time of pause in which the enunciation of a subject can appear, is what makes it possible to place a bet on the word so that each young person, in his own way, can make his own elaboration.

Keywords: Psychoanalysis; Subjective urgencies; Youth; University.

As urgências subjetivas dos jovens universitários: uma interlocução Brasil-França.

Aline Aguiar Mendes

Uma breve contextualização

Esse artigo tem como objetivo apresentar a experiência de uma pesquisa de pós-doutorado relativa ao trabalho clínico de orientação psicanalítica com urgências subjetivas de jovens universitários, resultante da colaboração internacional entre dois serviços de atendimento à saúde mental de estudantes universitários, quais sejam, a Assistência Psicopedagógica (APP) aos alunos da PUC Minas e o Bureau D'Aide Psychologique Universitaire (BAPU – Rennes).

A saúde mental de estudantes universitários e a proposição de um projeto de Assistência Psicopedagógica no Brasil

A temática da saúde mental dos universitários está na pauta de ações e pensamento de gestores e pesquisadores envolvidos com o ensino superior. De fato, os números apresentados em estudos realizados pelo Fórum de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE), dentre outros, são indicadores de que os universitários têm relatado a vivência de forte angústia, ansiedade. Segundo recente estudo realizado por esse fórum em 2018 e publicado em 2019, 63,6% entrevistados em universidades comunitárias disseram sofrer algum tipo de ansiedade e mais 20% dos estudantes relatam pensamentos de suicídio ou ideia de morte.

Somam-se a isso as exigências do Ministério de Educação e Cultura (MEC), que estabelece o apoio psicopedagógico como importante item para avaliação, elencado na dimensão 1 "Organização didático-pedagógica", no indicador 1.12. "Apoio ao Discente" do "Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação presencial e à distância" (Ministério de Educação e Cultura, 2017). Tal iniciativa nos mostra que esse ministério também já se atentou para a necessidade de um apoio amplo aos discentes, no qual pode estar incluída a saúde mental dos estudantes.

Nesse contexto, várias instituições de ensino superior vêm se mobilizando para oferecer um apoio aos estudantes.

A PUC Minas é uma das instituições que não é indiferente ao sofrimento psíquico de seus alunos e oferece variadas ações e projetos destinados à saúde mental dos estudantes, através da Faculdade de Psicologia da PUC Minas (FAPSI). Dentre elas, a Assistência Psicopedagógica (APP) aos alunos da PUC Minas se destaca no tocante à oferta de um acolhimento psicológico em urgência subjetiva para os estudantes.

Esse projeto possui uma longa história, iniciada em 2002². Nessa história, o ano de 2015 constituiu-se como um marco, já que uma comissão de professores e gestores é formada para trabalhar em uma nova proposta de ação em relação à saúde mental dos estudantes, com base na constatação dos gestores da universidade do aumento do número de alunos com sofrimento mental no contexto universitário (Mendes, 2019). O aluno endereça à universidade um mal-estar, que apesar de não estar

diretamente relacionado a sua performance acadêmica, ocorre no cotidiano de sua permanência na instituição como, por exemplo, tentativas de suicídio no campus, crises de ansiedade e choro na sala de aula, manifestações paranoides relacionadas a colegas e a funcionários. Tal situação provoca impasses relativos ao acolhimento e encaminhamento dessas demandas. Afinal, como uma instituição de educação pode ser também uma instituição de tratamento de sofrimento psíquico? Como compatibilizar uma ação de educação coletiva com a singularidade da posição de cada aluno?

As discussões iniciadas em 2015 atestam a necessidade de demarcar que a universidade deve ofertar um espaço de acolhida, e não de tratamento psicológico, para os discentes que manifestam sofrimento psíquico, por ser uma instituição de educação superior (Mendes, 2019).

Dentre os fatores que acarretaram um novo empenho dos gestores na reestruturação da APP a partir de 2015, podemos destacar:

- a) as exigências do MEC de um apoio psicopedagógico como critério de avaliação dos cursos de graduação presenciais e a distância;
- b) o reconhecimento dos gestores sobre o fato de que uma assistência psicológica dentro da universidade produz um impasse, ou seja, de algum modo, a partir de alguns efeitos na instituição, constatou-se que era problemático o atendimento clínico contínuo dos estudantes na instituição sem uma reflexão sobre essa prática.

Ao ofertarmos, no mesmo lugar, o aparato educacional e um atendimento de saúde mental, a assistência psicológica acaba por colocar a instituição como um dispositivo totalizante que deve tudo ofertar, impedindo a implicação de alguns estudantes em suas queixas ou estabelecendo, no caso de alguns sujeitos psicóticos, um recrudescimento do delírio, quando este inclui a instituição.

Atualmente, a APP realiza seu trabalho na Clínica Escola do Curso de Psicologia da PUC Minas, campus Coração Eucarístico. Ele consiste no acolhimento de urgência subjetiva com vista a um encaminhamento para uma rede de profissionais externos à universidade. O trabalho é realizado por dois estagiários bolsistas e três monitores voluntários do curso de Psicologia, sob orientação de um professor com formação psicanalítica. O objetivo tem sido acolher e dar apoio aos alunos que necessitam de uma intervenção no campo da psicologia.

A saúde mental dos alunos não está sendo discutida apenas no Brasil. Pelo contrário, encontramos em outros países, como na França, uma rede de atendimento psicológico aos estudantes universitários.

A saúde mental dos universitários na França: O BAPU

Na França há uma rede de atendimento psicológico aos estudantes universitários, presentes em várias regiões do país, oferecida através dos *Bureau d'Aide Psychologique Universitaire* (BAPU), que são centros de consultas para os estudantes que desejam ajuda psicológica. Será foco de nosso interesse o BAPU de Rennes, com o qual desenvolvemos nossa pesquisa.

Segundo o relatório de atividades dessa instituição³, as dificuldades psicológicas e os problemas psiquiátricos dos estudantes são os principais problemas de saúde neste contexto social, repercutindo no risco de suicídio entre universitários e na causa do fracasso escolar e da não inserção social.

O modo de vida dos estudantes, muitas vezes isolados de seu meio social durante seus estudos, os problemas para ingressarem num emprego e os modos de seleção severos se aliam à crise existencial da passagem para a vida adulta, se configurando como as causas de fragilidades subjacentes.

O trabalho nestes centros de consultas é desenvolvido por psicólogos, psiquiatras e assistente social, fora do campus universitário, com a orientação da psicanálise aplicada e visa a implicação do sujeito no mal-estar do qual se queixa. O tempo e a forma como os atendimentos são realizados são ajustados de acordo com a demanda de cada sujeito, podendo durar apenas algumas entrevistas ou vários meses.

Uma interlocução entre APP e BAPU-Rennes

Com base no intercâmbio de experiências clínicas entre esses dois dispositivos, APP- PUC Minas e o BAPU- Rennes, constatamos pontos importantes de convergência do trabalho, quais sejam:

- 1) há necessidade de um dispositivo de acolhimento à urgência subjetiva dos universitários;
- 2) o público atendido, em sua maioria, é muito jovem, sendo necessário, assim, atentarmos para as questões referentes à juventude e seu encontro com a universidade.

Dando continuidade a essa parceria em janeiro de 2020, fizemos uma reunião clínica sobre as experiências desenvolvidas nesses dois dispositivos.

Na experiência clínica na APP, a demanda por atendimento revela que os estudantes nos procuram devido a uma desorganização produzida no cotidiano universitário, como algo, por exemplo, que pode convocá-los a uma escolha própria, a um dizer próprio, a se posicionar frente à provocação de um colega. Ou mesmo, os estudantes parecem buscar um apoio em um professor, em um colega ou nos serviços de assistência na instituição, que possam acolher aquilo que se manifesta como difícil de suportar em suas vidas.

Em linhas gerais, podemos verificar uma procura de um grande número de alunos jovens, na sua grande maioria entre a idade de 18 a 23 anos. Nos casos são apresentados relatos de tentativas de autoextermínio, intensa angústia ou ansiedade. É preciso notar que embora inicialmente a queixa venha formulada como uma queixa escolar – “não consigo me concentrar”, “dificuldades com colegas”, “falta de interesse pelo curso” –, em pouco tempo de escuta outras questões vêm à tona, distantes da queixa inicialmente apresentada, revelando um mal-estar subjetivo próprio de cada um. Por exemplo, questões relativas à sexualidade, perdas, impasses na resposta aos ideais ou expectativas que depositam em si próprios aparecem como principal motivo do sofrimento, o que nos leva a considerar que os conflitos vividos no cotidiano da vida na universidade parece tocar algo da própria subjetividade do jovem, num

ponto difícil de suportar para ele. Uma importante questão a ser investigada, então, de uma maneira mais aprofundada, é a de saber se esse ponto de insuportável, mais além das relações que acontecem no contexto escolar, concerne à adolescência e ao real que a caracteriza, à saber, "a sexualidade que faz furo".

Com base na experiência do BAPU-Rennes, é possível notar que os jovens – também em sua maioria com as idades entre 18 e 23 anos – testemunham um encontro contingente com algo difícil de suportar no contexto da formação universitária, como confirma as observações de Alain Le Bouëté (2019). O efeito desse encontro é um estado de urgência do universitário em endereçar sua queixa, denunciar o que causou seu mal-estar, ou simplesmente se fazer escutar, para não ficar só face à surpresa do que emergiu, que ele reconhece como sendo íntimo e estranho, ao mesmo tempo. É nessa perspectiva que Isabelle Rialet-Meneux (2019) vai interpretar diversos problemas surgidos na entrada do estudante no meio universitário como atualizações de modalidades subjetivas de satisfação, presentes em sua vida, no seio de sua família, desde a infância. A seu ver, essas modalidades de satisfação se repetem no novo contexto da universidade, pedindo uma elaboração simbólica.

O intercâmbio dessas experiências clínicas fez com que a pesquisa clínica caminhasse, então, para uma investigação mais aprofundada da relação entre a urgência subjetiva e as especificidades da adolescência ainda presentes para esse jovens universitários, a partir do que eles endereçam aos profissionais que os recebem nos dispositivos de atenção psicopedagógica das instituições universitárias.

Os jovens universitários e as urgências subjetivas

Encontramos muitos estudos que discorrem sobre a adolescência, mais precisamente, sobre a puberdade e a construção subjetiva que marca o que chamamos adolescência. No entanto, não podemos dizer o mesmo sobre a saída da adolescência, ou propriamente, sobre essa passagem que marca a transição da adolescência para a vida adulta.

Essa temática nos interessa de perto nessa pesquisa, já que os universitários que recebemos estão, em sua grande maioria, nessa passagem. Segundo os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), delimita-se como juventude a faixa etária que se estende dos 15 aos 29 anos, reservando aos *teenagers* o termo adolescência. No entanto, esses dados são muito limitados quando trabalhamos com a clínica orientada pela psicanálise (Campos, 2016). Essa nos permite entender que a questão do sujeito obedece a uma outra temporalidade, distinta da cronológica.

No processo de saída da adolescência, é necessário que o adolescente se oriente por uma escolha articulada simbolicamente. Como a psicanálise nos ensina, uma escolha que tenha o estatuto de um sintoma, com uma envoltura significativa que possa estabilizar o sujeito em seu sentimento de viver e dê a ele um marco para a realidade que vive (Stevens, 2013). A escolha de um curso universitário, de uma profissão pode ser um caminho em direção a isso. Por essa razão, a entrada na universidade pode significar para o sujeito um caminho que indica um futuro a se construir, e muitas

vezes, um ato em que passará a existir como sujeito, podendo ser considerada como um marco em direção à saída da adolescência.

Entretanto, esse processo não é nada simples. Os jovens nos ensinam que nesse momento em que algo do acontecimento sexual e amoroso se impõe no encontro com novos códigos, nesse momento em que o assumir-se como aquele que é protagonista de uma escolha profissional ou de futuro, fazem irromper algo do romance familiar que provoca angústia ou uma perturbação difícil de nomear.

Longe de tentarmos patologizar essa questão, pretendemos aprender com o que a juventude nos ensina. Uma das questões que podemos colocar é se a saída da adolescência e entrada da vida adulta pode ser considerada como um ideal a ser conquistado ou se a puberdade abre um novo tempo, como Lacan (1974/2003) indica no prefácio da peça *O despertar da primavera*⁴, um tempo no qual surge “um nunca visto” e se “isso não é satisfatório para todos [...] se é mal-sucedido, é para todo mundo” (p. 557). Uma nova construção é, então, necessária sem garantia de qual será o desfecho. Ou seja, não se trata de considerarmos o “tornar-se adulto” como fruto de um amadurecimento cronológico ou mesmo da conclusão de um ciclo de desenvolvimento humano, mas sim como efeito da abertura de um tempo no qual as mudanças no corpo e o encontro sexual repercutirão na vida de um sujeito, sem que se possa prever o desenlace.

Isto posto, nos perguntamos o que podemos aprender com os jovens universitários que nos procuram? O que eles nos dizem? A maioria dos jovens que nos procuram nos relatam que precisam, nas suas palavras: “de um tratamento ali, agora, naquele momento”.

Urgências subjetivas

Na reunião de pesquisa realizada para discussão do trabalho clínico das equipes da APP e do BAPU-Rennes, foi possível notar que os casos dos jovens atendidos nos dois dispositivos deixam claro que não se trata de um problema relativo à adaptação à universidade, mas, sobretudo, ao mal-estar inerente à nossa condição de seres falantes.

De fato, com base na psicanálise podemos entender que a constituição de cada sujeito é marcada por algo que rateia, que falha. Como nos ensina Freud (1950[1895]/1981), uma vez que o primeiro objeto de satisfação está perdido e que só podemos reencontrá-lo a partir dos traços de sua inscrição no psiquismo, algo sempre vai estar descompassado nesta busca. O ordenamento simbólico não abarcará o objeto, restando algo sempre desalojado, estranho à realidade psíquica. A repetição que escutamos na fala do sujeito nos indica que há um trabalho na tentativa de contornar, com os significantes, um ponto que resta como traumático para ele, um estranho íntimo, que o convoca a dizer sobre o que escapa de si próprio. Neste sentido, somos todos traumatizados pela linguagem.

Como nos diz Brousse (2018), o trauma é a conjunção entre um acontecimento e a estrutura do sujeito, sendo que um acontecimento pode tornar-se traumático cada vez que não consegue inscrever-se na ordem simbólica da qual o sujeito dispõe.

No artigo *Do sujeito enfim em questão*, Lacan (1966/1998d) se refere ao analista como aquele que pode responder a certas urgências subjetivas. Com Miller (2018) entendemos que a função do analista está intimamente articulada à incidência da linguagem no humano, ou seja, à impossibilidade de um significante representar o sujeito. O trabalho realizado de acolhimento das urgências subjetivas dos jovens universitários demonstra como o momento de urgência se dá a partir de um encontro que faz um furo na trama das significações que orientavam a vida do sujeito até aquele momento. O sujeito depara-se com o fato de que nenhum significante o representa e sua existência lhe aparece fora de sentido. A oferta de um uso da palavra para cernir um ponto de indecível pode conduzir a um dizer e a uma invenção. Por essa razão, a urgência pode também ser um momento de precipitação de um dizer.

No entanto, antes de prosseguirmos, é necessário nos determos um pouco mais ao verbo responder, escolhido por Lacan ao se referir à função do analista em relação às urgências subjetivas. Em muitos momentos, num trabalho que versa sobre o acolhimento das urgências subjetivas, podemos cair no engodo de achar que a abertura à palavra é o que conduz ao deslizamento infinito do sentido, a abertura para dizer à vontade. Não é disso que se trata. A oferta da palavra tem a função de provocar, sob transferência, a precipitação de um dizer. E, desse modo, propiciar um convite para falar livremente, que assume a forma de uma questão que tenha estatuto de resposta para um sujeito, por instalar-se num laço em que uma mensagem retorna de forma invertida, mostrando um saber suposto que o próprio sujeito desconhecia ser a sede (Miller, 2007).

Assim, podemos entender que o momento de urgência subjetiva é também o momento de aparecimento de um sujeito, se essa puder ser acolhida e, a partir desse acolhimento, haver a elaboração de alguma orientação. Se isso ocorrer, poderá surgir uma demanda por parte do jovem que indique um caminho de uma implicação com o trabalho de suas questões subjetivas.

Nessa perspectiva, foi possível notar que o trabalho de acolhimento das urgências subjetivas aposta na produção de um saber de cada um, já que apostamos no sujeito, não definido por uma determinação patológica proveniente da catalogação de sintomas, mas como uma função da palavra no campo da linguagem. Conforme nos diz Lacan (1953/1998b, p. 242) “[...] nada há criado que não apareça na urgência e nada na urgência que não gere sua superação pela fala.”

A aposta no sujeito presente nas urgências subjetivas, nos fez pensar numa temporalidade que inclua a noção de sujeito, distinta, portanto, de uma temporalidade tomada nas passadas das horas, meramente cronológica. Esse trabalho tem nos ensinado que os jovens que nos procuram encontram-se desamparados frente a um sofrimento que os invade, caracterizado pela dificuldade de ser traduzido em palavras. Eles nos relatam uma experiência de um achatamento do tempo, que os impelem a resolver isso que os fazem sofrer aqui e agora, urgentemente.

Alberti (2019) aborda a noção de urgência articulando à noção de pressa em psicanálise. O que interessa, nessa perspectiva, não é tempo corrido, mas aquilo que precipita o sujeito em um ato. O que interessa aqui, como já dissemos, é um tempo que rompe com as passadas do tempo cronológico,

fazendo surgir um instante do que não pode esperar. É necessário capturar esse tempo abrindo uma fresta para o tempo de compreender. Ao abrir o tempo para compreender, estabelece-se uma pausa.

É necessário, assim, introduzir outro tempo, o tempo de uma pausa, para que o sujeito possa colocar, em palavras, o que o assola (Seldes, 2012). Através do recurso da palavra, algo do tecido simbólico que havia se rompido poderá ser suturado a partir da localização de uma enunciação. Não se trata, nessa escuta de afastar o sujeito da indeterminação que esse tempo introduz, mas trabalhar de modo que possa permitir que essa indeterminação, que esse vazio de saber que irrompe na urgência subjetiva, possibilite questionar o que o ameaça, as identificações, os laços aos quais ele responde que o submete ou oprime. Por essa razão, a prática da escuta da urgência subjetiva não pretende proteger o sujeito de uma crise, mas sim, lidar com ela, promovendo um tempo de compreender seguido de uma invenção própria.

Trabalhar com a urgência subjetiva nos permite entender que o trabalho se dá no acolhimento de um sujeito. Isso nos faz primeiramente nos afastarmos de concepções que patologizam o sofrimento, oferecendo uma resposta rápida, mas que não aponta para nenhuma saída que o sujeito pode construir acerca de seus dilemas e questões. Um outro ponto que merece ser ressaltado diz respeito ao fato de que ser acometido por um estado de urgência não é privilégio de alguns, mas sim algo que revela a constituição do sujeito, pois a urgência revela o encontro com o traumático da linguagem.

Seguindo, desse modo, a orientação lacaniana de que o tratamento de qualquer sujeito é uma questão de tempo, nossa experiência nos permite pensar o tempo lógico proposto por Lacan (1945/1998a): instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir. No instante de ver o sujeito se depara com um furo na trama das significações que orientavam sua vida até aquele momento. Já o tempo de compreender é a abertura para que, sob transferência, a associação livre permita ao sujeito contornar algo do objeto para sempre perdido, consequência da constituição do sujeito pela linguagem, quando abre-se uma pausa. É também nesse tempo que ocorre uma indefinição do saber que abre para uma enunciação própria do sujeito não determinada pelos significantes mestres advindos do campo do Outro. O momento de concluir também é marcado por uma pressa, uma urgência, mas distinta da urgência que trouxe o sujeito ao dispositivo, pois esse tempo, depois de aberta a pausa para um trabalho sob transferência, permite surgir uma questão própria do sujeito que precisa ser tratada⁵.

Uma vez delimitada mais propriamente a dimensão da urgência subjetiva, resta ainda, a partir da indagação provocada pelos casos atendidos, circunscrever a relação entre juventude e urgências subjetivas.

O Jovem universitário e as questões da adolescência

O tempo da juventude para a psicanálise deve ser pensada com base no terceiro ensaio *As transformações da puberdade* produzido por Freud em sua célebre obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905/1989.

Antes de entrar propriamente nas considerações sobre a puberdade é preciso ressaltar que a sexualidade, conforme inaugura a teoria freudiana, é bifásica uma vez que podemos localizar dois tempos na escolha de objeto. Um primeiro tempo se inicia na infância e se caracteriza pelo investimento no autoerotismo sob a égide das pulsões parciais e pelo investimento libidinal nos pais. Esse tempo é interrompido pelo período da latência no qual há uma hibernação da pulsão sexual, efeito da dissolução do complexo de Édipo e do medo da castração. Já a puberdade é um novo despertar da pulsão sexual, no qual as mudanças no corpo provocam um rearranjo psíquico que indica uma mudança na escolha sexual. Nessa nova onda libidinal que invade o corpo, há um trabalho psíquico que deverá produzir o abandono do autoerotismo para o encontro com o objeto, revivescência do complexo de Édipo com seus impasses e desligamento do Édipo para encontro com o objeto externo. Para que isso ocorra, é necessário que haja uma organização das pulsões parciais em torno da primazia dos genitais, levando a uma escolha de objeto diferente da infância (Capanema, 2018).

É preciso já aqui ressaltar um aspecto importante, Freud ressalta que o trabalho psíquico desse montante é um ideal no desenvolvimento da sexualidade. De fato, o que podemos notar na clínica é que esse trabalho é movido por percalços que abrem para um real que está aí para todos e que não há qualquer solução ideal possível para uma saída desse processo. Pelo contrário, como já dissemos com base na pontuação lacaniana, uma vez aberto esse nunca visto, o mal-sucedido é para todos daí para frente, cabendo a cada um construir um modo de suportá-lo.

Segundo Roy (2016), o ensaio de Freud nos coloca diante de pelo menos dois impasses. Para Freud, a mudança de corpo presente na puberdade é antes uma mudança de objeto que concerne à pulsão sexual. Se antes a pulsão era autoerótica, agora é preciso encontrar um outro corpo. Para tal, é necessário que haja uma corrente sexual e uma outra chamada corrente de ternura. Encontramos, então, a famosa metáfora freudiana do túnel perfurado nas duas extremidades, que podem nunca se encontrarem.

Nessa perspectiva, um primeiro impasse é concernente à pulsão sexual. No seu ensaio anterior dedicado à sexualidade infantil, Freud demonstra que a pulsão sexual não precisa de um objeto sexual exterior, já que busca sua satisfação nas zonas erógenas. Como sabemos, o ganho de prazer não é facilmente substituído, apresentando-se como um obstáculo na busca de uma mudança de objeto para um objeto "externo".

Freud indica, então, que há uma outra via concernente à escolha de objeto, porque na infância já há uma escolha objetual que precede aquela que terá que ser realizada na puberdade, sendo essa a via de amor direcionada à mãe e seus substitutos, nomeada como corrente de ternura. Descortina-se aqui o segundo impasse, qual seja, o encontro com o objeto é um reencontro com o primeiro objeto de amor que o sujeito deve abandonar na puberdade.

Assim, podemos pensar que não há uma convergência entre a corrente terna e a sexual, a não ser que a coloquemos apenas como um ideal da vida sexual, que na verdade é um obstáculo para a

nova escolha de objeto e para a mudança de corpo que ela implica, ou seja, para o encontro com o Outro sexo.

Para Roy (2016) é necessário irmos, então, um pouco mais fundo no texto freudiano e fazer uma releitura do subcapítulo *O encontro com o objeto* do ensaio intitulado *Transformações da puberdade* (1905/1989). Com efeito, é nesse locus do texto que Freud enfatiza um tempo no qual a pulsão sexual tinha “[...] um objeto fora do corpo próprio, no seio materno” (Freud, 1905/1989, p. 209). É preciso ressaltar que esse tempo, anterior a qualquer representação, é o primeiro dos mais importantes vínculos sexuais, afirma Freud. No entanto, não podemos esquecer que o encontro com esse objeto primitivo é sempre um reencontro com o objeto radicalmente perdido. Desse modo, podemos deduzir que essa perda definitiva, que estará no coração do encontro com o objeto, é reinaugurada na adolescência.

A puberdade deve, então, ser compreendida como o tempo de uma redescoberta dessa dimensão da perda no cerne da satisfação: não há outra saída para que se opere uma mudança de corpo, segundo a lógica da pulsão. (Roy, 2016, p. 203)

Nesse sentido, as contribuições de Stevens (1998) também são de grande importância. Esse autor chama a atenção para o fato de que se Freud usa o termo puberdade, que se refere a uma mudança biológica, inclusive hormonal de um estágio do desenvolvimento sexual, temos que entendê-la em sua complexidade.

Libido como órgão

Ainda no terceiro ensaio *Transformações da puberdade*, Freud (1905/1989) reconhece que a libido não está atrelada somente aos órgãos sexuais. Segundo ele,

[...] a análise das perversões e das neuroses de defesa levou-nos à compreensão de que essa excitação sexual é fornecida não só pelas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo. (Freud, 1905/1989, p. 204).

No entanto, atrelado ainda às teorias químicas de sua época, somente vai avançar na teoria da libido quando, quase duas décadas depois, a articula à pulsão de morte (Assad, 2016). Lacan também não recua dessa questão e irá, fundamentado em Freud, considerar a libido como um órgão, o único órgão admitido pela psicanálise.

As formulações lacanianas sobre a libido como um órgão estão presentes no *Seminário 11* (Lacan, 1964/2008) e no texto dos *Escritos, A Posição do Inconsciente* (Lacan, 1964/1998c), quando traz para a cena psicanalítica a formulação de um objeto real, perdido, primordialmente, fruto da constituição do sujeito como ser falante.

Foge ao escopo desse artigo adentrar pormenorizadamente nessas elaborações. No entanto, cumpre ressaltar a oposição que Lacan faz ao mito da complementaridade sexual do sujeito e do Outro, no *Seminário 11*. O exemplo mais emblemático em nossa cultura é o mito criado por Platão no *Banquete* (1991), no elogio que Aristófanes faz ao amor. Neste, o amor é a busca pelo complemento sexual. Porém, a experiência psicanalítica nos ensina que o sujeito busca não seu complemento sexual, mas a parte perdida dele mesmo.

Nessa mudança, Lacan (1964/1998c) desafia Platão ao propor o mito da lâmina. Esse mito é importante por designar a libido enquanto um órgão. Esse único órgão admitido pela psicanálise é de onde deriva a pulsão que, como sabemos, é sempre parcial e, em última instância, tem como objeto de satisfação esse objeto mítico perdido originalmente na constituição própria do sujeito como ser falante, em sua dependência significativa ao lugar do Outro.

Desse modo, se falamos de um real na puberdade, não podemos nos referir a ele como uma mudança corporal, orgânica apenas. Assim, se há uma mudança corporal fundamental que a puberdade coloca em cena, não é apenas uma mudança pensada numa alteração hormonal dissociada da linguagem. Lacan constrói a libido como um órgão em sua dimensão mais orgânica possível, já que se refere a um corpo, mas a um corpo que fala, a um órgão marcado pelo discurso. Então, se quisermos afirmar a puberdade como uma mudança corporal, é a de um corpo que abriga a dimensão do real marcado pela linguagem e, portanto, pela perda inaugural do objeto.

Dentro dessa perspectiva, entendemos e retomamos a proposição de Stevens (1998) de que a adolescência deve ser pensada, então, na perspectiva psicanalítica como uma série de escolhas sintomáticas em relação a esse impossível encontrado na puberdade, derivado da impossibilidade de reencontro com o objeto radicalmente perdido, que está na origem da constituição do sujeito no Outro como linguagem.

Seguindo esse autor, a adolescência é a idade de uma grande variedade de respostas possíveis a esse impossível do real próprio ao surgimento da puberdade (Stevens, 1998). A inexistência da relação sexual é propriamente a impossibilidade de saber o que fazer quanto ao sexo e a ausência de um saber a priori sobre isso. Para esse autor, no lugar de um não saber sobre a relação sexual o sujeito elabora um sintoma que pode ser uma resposta possível a esse real impossível da não relação sexual.

Dentro dessa mesma perspectiva, ainda é preciso abordarmos outro ponto essencial apresentado por Freud em seu ensaio: o desligamento da autoridade dos pais.

Desligamento da autoridade dos pais

[...] consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais (Freud, 1905/1989, p. 213).

Roy (2016) sublinha a afirmação de Freud de que a afeição infantil é um dos mais importantes vestígios reavivados na puberdade que apontam o caminho para a escolha de objeto. Segundo esse autor, é preciso nos determos aqui no estatuto do que Freud nomeia como "vestígios". Lendo Freud, encontramos os vestígios como representações nas quais se consumam a escolha de objeto na vida sexual do jovem que não dispõe de outro espaço além das fantasias, que são, propriamente, as representações destinadas a não se concretizarem.

Assim, é pelas fantasias que o sujeito pode mensurar as consequências desse novo modo de satisfação, que se dá com a reedição da escolha de objeto. As fantasias nos levarão antes de tudo ao romance familiar presente tantas vezes na fala dos jovens e são ancoradas sobre um irrepresentável que faz furo nas representações da autoridade dos pais. E são tentativas dos jovens de darem conta desse furo no saber sobre o sexo e a relação sexual. É preciso enfrentar esse ponto onde o saber falta para que o sujeito possa dar conta de se desligar da autoridade dos pais. "Nada aqui que seja específico de uma psicologia do adolescente, mas sobretudo um desafio que poucos sujeitos consentem sustentar." (Roy, 2016, p. 209).

O Jovem e as urgências subjetivas

As considerações realizadas até o momento, nesse artigo, nos permitem elaborar a urgência subjetiva no jovem como a emergência, em seu corpo, de algo do real que o encontro traumático com a linguagem produz, que se constitui, para ele, em "um instante de ver". É isso que pode levar a fazer um apelo ao Outro, o que propiciaria uma abertura para o tempo de compreender, ou seja, uma pausa, para a construção de um saber possível sobre esse impossível da sexualidade. O trajeto que ele percorre no trabalho concernente ao tempo de compreender, pode permitir um retorno ao instante de ver, mas em um outro ponto, que tem a chance de se abrir ao momento de concluir.

Estamos de acordo com Barros (2016) quando propõe que a adolescência constitui um instante de ver no qual se precipita uma falta de resposta para esse real que surge no corpo marcado pela linguagem, que provoca angústia diante de um real pulsional, que pode abrir para a construção de uma via sintomática que necessita de um tempo de compreender.

Um aspecto importante que podemos depreender do que foi colocado até agora é que o saber em questão, no acolhimento das urgências subjetivas dos jovens universitários, é distinto daquele veiculado na transmissão de um conhecimento, das grades curriculares de um curso universitário. Conforme apresentamos no início do artigo, embora haja um mal-estar manifestado no cotidiano universitário, ele não se configura, na grande maioria dos jovens que nos interpelam, como uma demanda referente à performance acadêmica. Se tomam essa configuração, as demandas estão aliadas às questões dessa passagem que se abre nas transformações da puberdade. É preciso ainda ressaltar que, na experiência da APP, as demandas referentes à performance acadêmica não se configuram como expressivas. Por essa razão, escolhemos não abordar o fracasso escolar na instituição universitária, mas

tão somente os dilemas relativos à juventude, que nos coloca a pensar que o que perturba é da ordem de um saber que se difere do saber construído a partir da aquisição de conhecimento acadêmico.

Conforme estamos trabalhando, as respostas construídas pelos pais com base em seus ideais não servem para os adolescentes. Separar-se dos pais implica deixar de lado a criança que foi e que se esboçou a partir e em resposta ao desejo dos pais. Há um certo vazio de saber: *o que eu era, não sou mais, o que eu sou, então?* Desse modo, a adolescência vai se configurar como um tempo no qual é preciso atravessar esse vazio de saber, encontrando uma saída própria, uma forma singular de se situar em relação ao desejo próprio e à partilha dos sexos sem uma fórmula preestabelecida no Outro.

Lacan (1974/2003), em seu prefácio para a peça *O despertar da primavera*, ressalta a figura do homem mascarado que aparece no final da peça, e nos permite pensar sobre essa passagem. Na cena, há o espírito de um jovem que suicidou e um outro jovem, que pensa em morrer. O homem mascarado diz a este adolescente "você não tem nada que fazer do lado da morte, segue-me, melhor, do lado da vida". O adolescente replica "mas, quem é você? É meu pai?". O homem desconhecido responde: "... seu pai está nesse momento se consolando nos braços de sua mãe?". A cena nos ajuda a pensar que o que Lacan chama Nome do Pai, não é o pai concreto, que aparece desfalecido nessa cena. A função do Nome do Pai é antes uma função de enigma, de um convite a tomar a palavra, e seguir a vida. O adolescente diz "Me diga, pelo menos, onde quer me levar", ao que o homem mascarado responde: "isso não poderá sabê-lo, apenas poderá saber se vier".

Assim, no trabalho que realizamos com jovens que, como dissemos, se deparam com mudanças que os confrontam com o real do ser falante em um momento no qual muitos se deparam com uma escolha própria, abordamos o papel da universidade com base em um breve escrito de Freud (1910/1996) intitulado *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio*. A escola, incluímos a universidade, deve oferecer um apoio e amparo ao jovem numa época da vida em que ocorre o afrouxamento de vínculos que o fixavam numa posição infantil, para possibilitar, em alguma medida, o desejo de viver.

Vejamos um fragmento clínico para nossa investigação avançar⁶.

A biodiversidade do ser falante

Chloé procura o serviço de apoio universitário BAPU Rennes para queixar-se de seu isolamento e de sua discrepância em relação aos colegas, ambos atribuídos ao desgosto que sente pelas questões do sexo. Para ela, o sexo é sujo e, isso, sem metáfora. Chloé gostaria que sua vida fosse, nesse quesito, "uma história já escrita", em relação à qual nada estaria por se definir, nem geraria dúvidas.

Chloé considera que seus pais são amigos, e o simples fato de ter irmãos indica que houve relação sexual, mas ela nunca viu um só gesto de carinho entre eles. Por isso acha que se comentasse com eles sobre suas dificuldades, nenhum de seus familiares compreenderia suas posições em relação a sexualidade. Para ela, portanto, o tema das relações afetivas nos relacionamentos está excluído da roda de amigos e da roda familiar, o que culmina em sua própria exclusão. O que se destaca, em seu

caso, é não somente "o vazio de saber", característico da adolescência, mas também um vazio no plano da transmissão, que tem como consequência a impossibilidade para ela de fazer qualquer coisa, nesse âmbito da sexualidade. Eis seu instante de ver.

Chloé nos ensina sobre o corpo marcado pelo encontro traumático com a linguagem. A angústia irrompe diante do real pulsional. Urgência que a precipita no apelo ao Outro. O encontro com os colegas reedita o encontro com o objeto, que é, precisamos lembrar, como buscamos sustentar nesse artigo, radicalmente perdido. Frente a isso, a esse encontro impossível com o real sexual, não há um saber a priori.

O tempo de compreender se abre com uma ênfase sobre a solidão: sua experiência na escola durante o Liceu (equivalente ao ensino médio) ficou marcada pela solidão. Na Faculdade esse aspecto também se instala, mas ela vai se aproximar do grupo LGBTQIA+ para tentar se integrar. Nesse grupo, o vazio de saber sobre a sexualidade é preenchido com o saber da causa e do movimento gay, saber que não traz apaziguamento, mas aflição: ela teme por seu futuro, vislumbra sua vida ainda mais solitária, porque sabe que os amigos atuais não vão compreendê-la e vão se afastar. A livre associação que decorre dessa questão no curso dos atendimentos subsequentes, a leva a esboçar a fantasia de abandono mesclada ao espancamento.

Situa na idade de 8 anos, e na lembrança terrível de um dia de feriado, em que estava viajando com a família, a primeira lembrança do abandono. Até aquele dia, sua infância foi marcada pela violência de sua mãe, que lhe dava uma surra todos os dias. Ela apanhava sem retrucar. Porém, naquele dia, observou enfaticamente para a mãe: "é a sétima vez que você me bate essa semana". Dito isso, a mãe lhe lança uma frase lapidar: "teria sido melhor se eu não tivesse te feito". Chloé sai correndo rumo a floresta próxima, sozinha, sem olhar pra trás. A mãe sai à sua procura e a encontra mais tarde. Depois desse dia, Chloé não apanhou mais.

Como situar o sentimento de abandono a partir desse dia? Foi Chloé quem abandonou a cena e sua mãe vai atrás dela. O que cessou foram as surras diárias. O outro, sem sua forma de violência física, mas que deixa claro seu desejo de que a filha não existisse.

Na Faculdade, dois amigos próximos anunciam o início do namoro entre eles. Chloé desaba com essa notícia e procura a urgência do serviço de ajuda ao universitário. Sente-se pressionada, não vislumbra outra saída que o auto-extermínio. Diante de sua menção clara ao suicídio recomendou-se sua hospitalização, o que ela interpretou como um cuidado do Outro. Sua analista interpretou como um último apelo ao Outro, de sua parte, para não precisar desaparecer.

Pouco tempo depois, Chloé chega para sua sessão muito abatida. Desta vez o que a abalou foi o fato de uma amiga lhe haver tocado a cintura, o que ela considera ser de uma intimidade insuportável. Ao lhe ser dito que era possível ela impor seu limite para a amiga, ela se apazigua. Relata que, em outra ocasião, uma menina que morava com ela a toucou, ela não conseguiu evitar. Foi terrível: precisou depois se lavar demasiadamente, e se confinou em seu quarto por vários dias. Ter uma vida normal

implicaria em ser obrigada a suportar esses contatos? Ela se pergunta e a analista destaca, de sua frase, o "ser obrigada". Então, ela diz: "eu gostaria de dar conta disso".

Chloé oscila entre sair e conhecer pessoas, lazer típico dos jovens de sua idade, e não sair, para evitar que alguma coisa, nessas saídas, lhe lembre seus 8 anos, o que a leva a permanecer no quarto chorando o dia inteiro. Assim, ela evita o outro sexo e a sexualidade, considerando essa última algo traumático em sua vida. Comenta seus pesadelos terríveis com o irmão, em que é violada e o empurra pra trás. Ela tem muita estima por esse irmão, do qual se lembra, na infância, da cena em que o surpreende se masturbando no seu quarto. Na Faculdade, ela olha para os rapazes como se fossem todos estupradores em potencial. A sexualidade se apresenta, assim, como um dilema: é algo que se impôs, mas que ela preferiria não ter que lidar, ainda que não tenha desistido de viver uma história de amor.

O tratamento abre a via da palavra para tratar também com os colegas aquilo que ela acha nojento e monstruoso no âmbito do contato físico e sexual, a saber, a gravidez, os bebês. Teve dificuldades com uma amiga, com quem conseguiu se abrir e dizer que "ela não tem sexo". Fica sabendo que a outra também não tem, e isso a alivia. Como essa questão não é fácil para ninguém, se sente mais incluída.

A jovem Chloé se movimenta mais pela Faculdade e com seus novos amigos. Porém é tomada de angústia quando fica sabendo da decisão do início do namoro entre duas pessoas. Para ela, fazer casal é "morar junto e dormir junto", algo que ela não se imagina sendo capaz. A analista intervém de forma bem-humorada, dizendo que no século XXI os arranjos são singulares, cada qual a seu modo. Chloé sorri e imediatamente confia-lhe que adiou seu plano de suicídio, antes previsto para perto dos 30 anos, agora, passou para os 40. Isso porque recalculou o tempo em que seria possível ter amigos, mas na medida que esses fossem se acasalando e seguindo a vida deles, não restaria outra solução para ela.

Na medida em que Chloé vai usando as palavras para dar forma ao que acha que há de errado com ela, também revê suas soluções e apresenta novas. Ela passa a fazer, por exemplo, um uso singular de suas visitas aos *youtubers*, comprando o que elas compram, usando o que usam, o que resume da seguinte maneira: "olhar as *youtubers* me permite viver por procuração". Dentre essas, segue uma jovem, em especial, porque acha que ela vive uma vida de verdade, fala muito de suas angústias com o casamento, seus problemas de maneira geral e como faz para superá-los. Abre-se para Chloé a perspectiva de que todo mundo tem problemas, o que ela tem dificuldade de conceber, mas esboça a ideia de escrever um diário a respeito. A analista a incentiva a começar ali mesmo, escrevendo durante sua sessão, ao que ela responde rapidamente, assinalando que nesse caso, ela seria a "*youtubuseuse*", e a analista sua espectadora.

O encontro com a analista abre para o tempo de compreender onde algo de seu saber pode ser colocado na mesa, no jogo da vida. As pontuações da analista permitem Chloé se perguntar por aquilo que fracassa em qualquer um. Não se apresentando como o Outro da demanda, a analista pode escutar

a formulação de fantasias sobre o sexo, sobre o que fracassa nas relações, sobre o encontro com um malsucedido, que está para todos. Ela então pode fantasiar a partir da escrita de um diário, no qual ela é a *youtubeuse* e a analista sua espectadora. Como apontamos com Roy (2016), as fantasias são centradas sobre um irrepresentável, que pode fazer furo àquilo que vem do Outro, pais, como verdade para o sujeito, permitindo a construção de um saber próprio.

Chloé se sente menos anormal. Em uma sessão, muito emocionada, ela fala com muita dificuldade que não sabe como poderia ter menos medo do contato físico e sexual. Ela diz: “para ter menos medo, eu teria que me habituar a soltar mais palavras, me habituar a falar, a dizer que eu não tenho sexo. Se me acostumo, isso poderia sair mais facilmente no momento oportuno, mas isso me dá medo de verdade. Dizer para mim mesma que há essa possibilidade, abre uma porta, quando minha inclinação é a de me fechar.”.

A jovem segue nesse caminho de se esforçar para se abrir pela palavra e tentar contornar seu impasse com a palavra. Fica escandalizada com a notícia que prevê a extinção dos ouriços dentro de 10 anos, o que coincidirá com a data em que ela mesma prevê seu ato para a própria extinção. Então ela passa a trabalhar a favor da proteção desses organismos por meio das redes sociais, de ações na faculdade e movimentos em sua cidade natal. Vale-se do apelo sentimental para conseguir tocar as pessoas, usando dizeres e imagens nos cartazes que constrói e distribui pela cidade. Em um destes cartazes, em especial, um ouriço está com a cabeça virada, como se estivesse se despedindo.

Seu impasse com o sexo, tomado na vertente da reprodução da vida, dá lugar à proteção da biodiversidade, como direito a preservação de uma espécie. Assim, Chloé chega a um momento de concluir, tendo podido, por meio do trabalho no BAPU, atravessar os desafios do real da adolescência para ela e entrar no túnel da vida adulta, em que um sintoma singular é encontrado para sustentar o sujeito no mundo. No caso de Chloé, a proteção da biodiversidade, que direcionará seus estágios e certamente sua formação futura.

Para concluir

O acolhimento das urgências subjetivas e a abertura de um tempo de compreender, uma pausa, na qual a enunciação de um sujeito pode advir, é o que torna possível uma aposta na palavra sob transferência para que cada jovem, a seu modo, possa fazer um cálculo que lhe seja próprio (Stevens, 2013).

Os dispositivos de acolhimento ao jovem universitário podem abrir para uma passagem possível aos jovens de uma construção que possam conduzi-los a uma realização autêntica que não ignore a causa de seu desejo (Lacan, 1962-1963/1992). Esses dispositivos de acolhimento, como a APP e o BAPU-Rennes, demonstram, assim, sua importância ao propiciar para cada aluno a aposta na palavra que o permita entrar no jogo da vida, assumindo o risco de falar em nome próprio e uma escolha que perpassse seu desejo.

Notas

1. Este artigo encontra-se vinculado à pesquisa de pós-doutorado intitulada *O acolhimento de urgências subjetivas de estudantes universitários*, aprovado e em desenvolvimento pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sob orientação do prof. Antônio Márcio Ribeiro Teixeira e colaboração do prof. Fabian Fajnwaks da universidade de Paris VIII.
2. O percurso do projeto já foi pormenorizado em outros artigos já publicados e enviados para publicação
3. Texto restrito à pesquisadores selecionados.
4. *O despertar da primavera* é uma peça de teatro escrita pelo dramaturgo alemão Frank Wedekind, em 1891. Essa peça descortina as descobertas e angústia de adolescentes diante do encontro sexual e das perguntas sobre a existência.
5. Por essa razão, passamos a entender o dispositivo de acolhimento das urgências subjetivas, na APP, como um dispositivo temporal, com base nos três tempos lógicos de Lacan (1945/1998a), instante de ver, tempo de compreender, momento de concluir. Essa elaboração foi pormenorizadamente desenvolvida em outro artigo já encaminhado para publicação.
6. Optamos por trabalhar com um caso clínico já publicado. O caso foi escrito por Danièle Olive, diretora do BAPU-Rennes e está publicado no livro: Ferrari, I. & Mendes, A. (Orgs.). (2021). *O sofrimento psíquico de jovens no espaço universitário*. São Paulo: Ed. Escuta. Agradeço a Ana Lydia Santiago pelas contribuições com a leitura e tradução do caso para escrita desse artigo.

Referências Bibliográficas

- Alberti, C. (2019). Urgência e satisfação. *Curinga*, 48, 20-42.
- Assad, S. (2016). A química da Libido. *Almanaque on-line*, 17, 1-8. Recuperado de <http://almanaquepsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2016/07/9-Samyra-Assad.pdf>
- Barros, M. R. C. R. (2016). Adolescência: entre gozo e desejo. In H. Caldas. (Org.). *Errâncias, adolescências e outras estações* (pp. 75-86). Belo Horizonte. EBP.
- Brousse, M.-H. (2018). Seminário de Marie-Hélène Brousse. *Agente*, 17, 11-71.
- Bureau D'aide Psychologique. (2017). *Rapport D'activité B.A.P.U.* (Inédito)
- Campos, S. (2016). Jovens.com: corpos e linguagens: eixos de investigação e pesquisa sobre a juventude. *Minas com Lacan*, Recuperado de <http://minascomlacan.com.br/jovens-com-corpos-linguagens>
- Capanema, C. (2018). *Enlaces e desenlaces na adolescência*. Belo Horizonte. Scriptum.
- Freud, S. (1981). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 387-545). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (1989). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 4, pp. 118-228). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho

- original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996). Contribuições para uma discussão acerca do suicídio. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 217-218). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1910).
- Fórum de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis. (2019). *V Pesquisa de Perfil Sócio-econômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais*. Recuperado de <http://www.fonaprace.andifes.org.br/site/wp-content/uploads/2019/06/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioeco%CC%82mico-dos-Estudantes-de-Graduac%CC%A7a%CC%83o-das-U.pdf>
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 10: a angustia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado 1962-1963).
- Lacan, J. (1998a). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. Um novo sofisma. In *Escritos* (pp. 197-2013). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Trabalho original publicado 1945).
- Lacan, J. (1998b). Função e campo da fala e da linguagem. In *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Trabalho original publicado 1953).
- Lacan, J. (1998c). A posição do Inconsciente. In *Escritos* (pp. 843-868). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Trabalho original publicado 1964).
- Lacan, J. (1998d). Do sujeito, enfim, em questão. In *Escritos* (pp. 229-237). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. (Trabalho original publicado 1966).
- Lacan, J. (2003). O despertar da Primavera. In *Outros escritos* (pp. 557-566). Jorge Zahar Editora. (Trabalho original publicado 1974).
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado 1964).
- Le Bouëtete, A. (2019). *Entretien avec Alain Le Bouëté, psychologue à l'Unité soins-études de Beaulieu à Rennes*. (Inédito)
- Mendes, A. A. (2019). *A saúde mental dos estudantes universitários: como acolher as urgências subjetivas nesse contexto institucional?* [Relatório].
- Miller, J-A. (2007). Rumo ao PIPOL 4. *Correio – Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, 60, 7-14.
- Miller, J-A. (2018). L'inconscient réel. *The Lacanian Review*, 6, 28-45
- Ministério da Educação (2017). *Instrumento de avaliação de cursos de graduação presencial e a distância*. Recuperado de http://download.inep.gov.br/educacao_superior/avaliacao_cursos_graduacao/instrumentos/2017/curso_autorizacao.pdf
- Platão. (1991). *Diálogos: O Banquete – Fédon – Sofista – Político* (Coleção os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural.
- Rialet-Meneux, I. (2019). *Se separer*. (Inédito)

- Roy, D. (2016). Entrevista concedida durante a XX Jornada da EBP – Minas Gerais: jovens.com: corpos e linguagens. *Minas com Lacan*. Recuperado de <http://minascomlacan.com.br/entrevistas-xx-jornada-ebp-mg-jovens-com-corpos-linguagens-2016>
- Seldes, R. (2012). Pausa: uma porta para a subjetividade hoje. In G. Maron, & P. Borsoi (Orgs.). *Urgência sem emergência?* (pp. 131-136). Rio de Janeiro: Subversos.
- Stevens A. (1998). L'adolescence, symptôme de la puberté. *Les Feuilles du Courtil*, (15), 79-92.
- Stevens, A. (2013) Quando a adolescência se prolonga. *Opção Lacaniana Online*, 4 (11), 1-15.

Citação/Citation: Mendes, A. A. (nov. 2021 a abr. 2022). As urgências subjetivas de jovens universitários: uma interlocução Brasil-França. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 17(33), 39-57. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2022v17n33p39-57

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/Received: 10/07/2021 / 07/10/2021.

Aceito/Accepted: 15/09/2021 / 15/09/2021.

Copyright: © 2022 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.